# Herbert Caro: crítica jornalística e incentivo da escuta no Rio Grande do Sul

Herbert Caro: journalistic criticism and incentive to music appreciation in Rio Grande do Sul

**ANA LAURA COLOMBO DE FREITAS**
Jornalista e mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**RESUMO** O artigo se propõe a recuperar a memória da atuação de Herbert Caro (1906-1991) como crítico musical no Rio Grande do Sul. Judeu alemão radicado no Brasil em 1935, ele manteve a coluna *Os melhores discos clássicos*, com publicação semanal, durante mais de vinte anos, no *Correio do Povo*, o principal jornal do estado à época. A partir da crítica dos lançamentos da indústria fonográfica, Caro procurou incentivar a escuta da música de concerto.

**PALAVRAS-CHAVE** Herbert Caro; Jornalismo; Crítica Musical; *Correio do Povo*.

**ABSTRACT** The article intends to recover the memory of Herbert Caro (1906-1991) as a music critic in the state of Rio Grande do Sul. Caro was a German Jew that came to Brazil in 1935. He kept his column *Os melhores discos clássicos*, a weekly publication, for more than twenty years in *Correio do Povo*, the state's main newspaper at the time. While writing about the new releases from the phonographic industry, Herbert Caro fomented the listening of the classical music.

**KEYWORDS** Herbert Caro; Journalism; Musical criticism; *Correio do Povo*.

## Apresentação

Este artigo é fruto de pesquisa de mestrado, intitulada *A formação do gosto musical na crítica jornalística de Herbert Caro no Correio do Povo (1968-1980): da torre de marfim ao rés do chão*, defendida em março de 2011 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Desenvolvido dentro do campo de estudos do Jornalismo, o trabalho buscou analisar como o crítico Herbert Caro (1906-1991) instigou o gosto do leitor pela música de concerto na coluna *Os melhores discos clássicos*, que manteve no jornal *Correio do Povo* durante mais de vinte anos, entre as décadas de 1960 e 1970. A análise teve como foco, por um lado, as frentes de atuação do crítico que pretende instigar o gosto pela música de concerto, e, por outro, as estratégias cronísticas que criam um ambiente de proximidade entre o colunista e o leitor. Nas páginas seguintes, focaremos as informações recolhidas ao longo da dissertação sobre a vida de Herbert Caro, judeu alemão radicado em Porto Alegre, e a importância de sua atuação como crítico musical no espaço jornalístico.

A parte da pesquisa aqui apresentada teve como base o contato com o espólio de Herbert Caro em visitas ao Departamento de Memória do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall e a leitura das colunas no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa e no Arquivo Público Moysés Vellinho.

## Herbert Caro, um homem de letras

Herbert Moritz Caro (Berlim, 16 de outubro de 1906 – Porto Alegre, 23 de março de 1991) era filho de um reconhecido advogado berlinense e cresceu em uma família abas-

EDUARDO ACHUTTI/ARQUIVO DEPARTAMENTO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO CULTURAL JUDAICO MARC CHAGALL

Figura 1 – Herbert Caro em seu gabinete, em meio a livros, máquina de escrever e os retratos dos autores traduzidos Luiz

tada. Obteve o título de Doutor em Direito pela tradicional Universidade de Heidelberg em 1930. Peter Naumann (1995) afirma que o amigo escolhera a profissão sem muito entusiasmo, apenas para agradar o pai. Herbert, em verdade, era "um *homme de lettres* à antiga – na sua versão alemã" (NAUMANN, 1995, p. 18). Gertrude Meyer (2007, p. 50) lembra que a família Caro morava no centro da capital alemã: "o que eu sabia, e era natural para os habitantes da capital alemã, era que esta camada de judeus assimilados não eram religiosos, mas mais interessados nos assuntos do espírito". Klaus Oliven (2007, p. 45-46), vizinho da família na Joachimstalerstrasse, 11, diz que Herbert, de fato, não teve muito acesso aos ensinamentos judaicos em casa: "seu pai pertencia ao Verband nationaldeutscher Juden, a Associação dos Judeus Nacionalistas Alemães, fundada em 1921, da extrema direita e antissionista, que defendia ideias parecidas às dos Nazistas, com exceção do antissemitismo, naturalmente".

As circunstâncias da vida, entretanto, acabam aproximando Herbert Caro do judaísmo, vindo a ser um dos fundadores da sinagoga Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficiência (SIBRA) em 1936, em Porto Alegre. Antes disso, porém, é impedido de exercer a advocacia em 1933, ainda na Alemanha, devido à promulgação das primeiras leis antissemitas do governo nazista. Primeiramente, refugia-se na França, onde estuda Letras Clássicas na Universidade de Dijon. Para sustentar-se, dá aulas, clandestinamente, de latim e tênis (Caro havia integrado a seleção alemã de tênis de mesa durante seis anos e sido um dos dirigen-

tes da federação da classe de 1926 a 1933). A estada no país vizinho dura apenas um ano. Pressentiu a iminência da guerra e busca um novo país de exílio. O Brasil surge como a melhor opção. Um primo distante que aqui residia informa-lhe de que era um país barato de se viver.

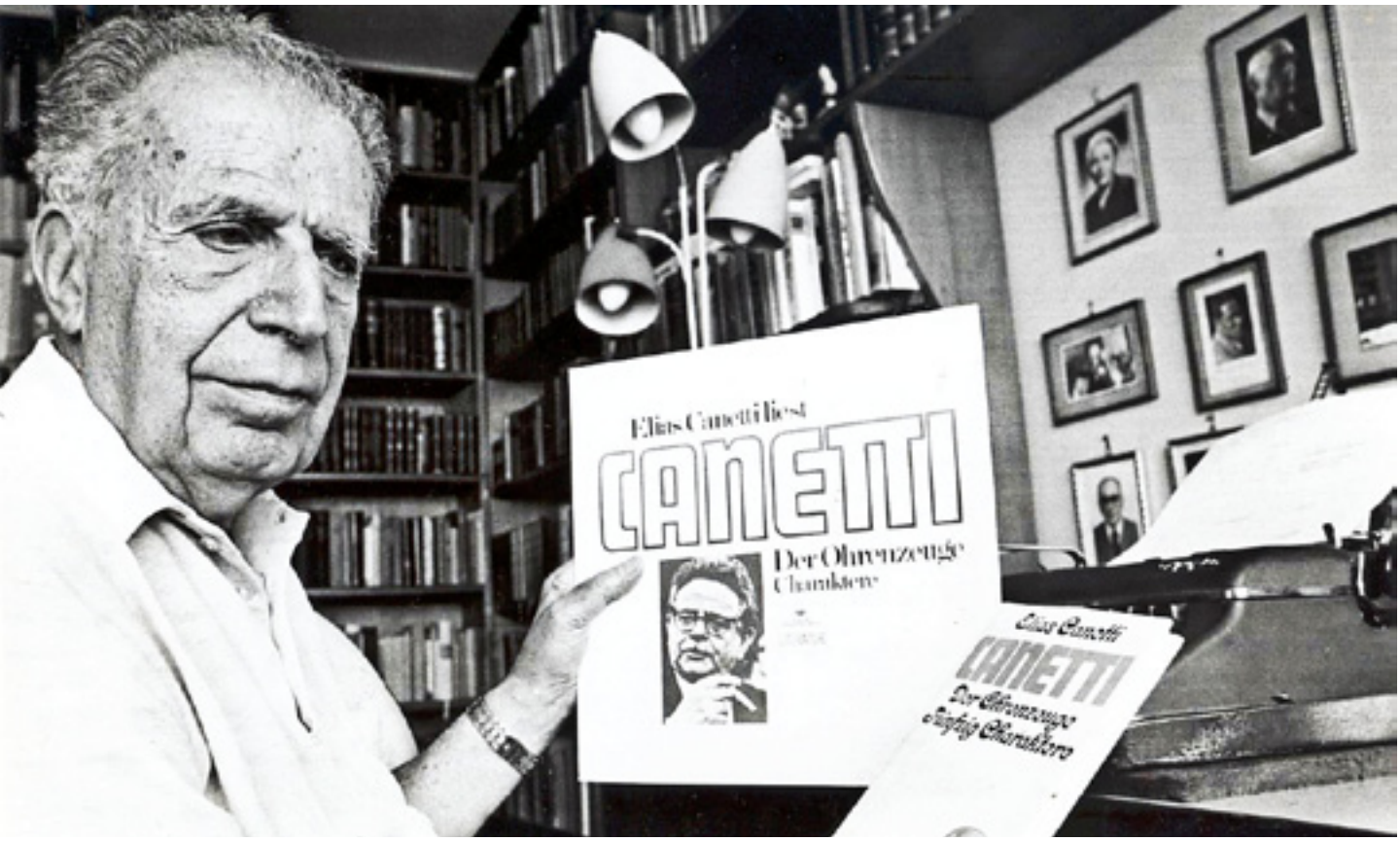
Herbert Caro chegou a Porto Alegre em 07 de maio de 1935. Na mala, um vocabulário de cerca de três mil palavras que aprendera em algumas aulas de português antes da viagem. Caro (1987) diz que isso lhe permitia ler o *Correio do Povo* e pedir informações na rua sem entender a resposta. O ouvido ainda não estava acostumado. Sua noiva, a polonesa Nina Zabludovski veio poucos meses depois. Os conhecimentos dele sobre direito alemão não eram úteis no Brasil, e o doutorado dela em Filosofia, com especialização em Artes Dramáticas, também pouco valia na Porto Alegre provinciana da década de 1930. Mas o domínio que ambos tinham de várias línguas proveu a subsistência nos primeiros anos e, de certa forma, redirecionou a vida dos dois.

Caro redigia correspondências comerciais para um exportador de couros, depois passou a "cachorro-viajante", como se define em matéria do *Caderno D*, de *Zero Hora*, anos depois. A expressão se refere às dificuldades de sua função: vendia anúncios de uma agência de publicidade pelo interior do estado. A jornalista Eliane Brum, autora da referida matéria, interpreta a situação: "Não é difícil descobrir o motivo (das dificuldades). O alemão refinado, que ainda tropeçava feio no português, tentando convencer um interiorano guasca da década de 35 a comprar um anúncio poderia ser uma cena das mais hilariantes, não fosse verdadeira" (BRUM, 1990, p. 5).

Enquanto isso, Nina dava aulas de alemão, francês e inglês, chegando a lançar três cartilhas pela Editora Globo. Na tradicional editora, trabalhou na seção "Mulher e o lar", dirigida por Gilda Marinho, colaborando com o dicionário da cozinha e editando cadernos como "A mesa bem posta". Foi através deste contato que Herbert deixou a indústria e o comércio para passar a fazer parte do círculo intelectual da cidade. A convite do escritor Erico Verissimo, entrou para a famosa Sala dos Tradutores da editora gaúcha, em 1939. Ali exerceu as funções de tradutor (do alemão e do inglês), dicionarista e revisor, ganhando enorme intimidade com a língua portuguesa. O trabalho na editora durou até 1948, ano em que também ganhou sua naturalização como brasileiro. Em coluna que homenageia os setenta anos do escritor Mario Quintana, seu colega de trabalho naquele período, Caro (1976, p. 15) rememora um pouco da experiência:

> Seria interessante se um de nós redigisse qualquer dia suas recordações dessa sala, na qual estava enjaulada a mais pitoresca fauna de intelectuais que se pode imaginar. Hoje me limito a agradecer a Mario todos os ensinamentos que me ministrou, paciente e bem-humoradamente, naqueles dias em que eu, pobre aprendiz de tradutor, me esforçava por não naufragar nos traiçoeiros escolhos da língua portuguesa, desde o infinito pessoal até a diferença entre ser e estar, que para mim, segundo verificava o Poeta, era tão indevassável como para Hamleto a questão de ser ou não ser.

O ofício de tradutor, mesmo longe da Editora Globo, lhe acompanhou para o resto da vida. De acordo com a pesquisadora Izabela Maria Furtado Kestler (2007), Caro tornou-se o profissional mais conhecido na tarefa de verter o alemão para o português. Traduziu mais de 30 livros de autores como Thomas Mann (*Os Buddenbrook*, *A montanha mágica*, *A morte em Veneza*, *Doutor Fausto* e *As*




LUIZ EDUARDO ACHUTTI/ARQUIVO DEPARTAMENTO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO CULTURAL JUDAICO MARC CHAGALL

Figura 2 – Herbert Caro em seu gabinete, ao lado de retratos dos autores traduzidos

*cabeças trocadas*), Emil Ludwig (*Quatro ditadores*, *Gênio e caráter* e *Goethe*, vol. II), Lion Feuchtwanger (*A guerra dos judeus*), Oswald Spengler (*Anos de decisão*, *A decadência do Ocidente*), Hermann Hesse (*Sidarta*), Elias Canetti (*Auto-de-fé*, *O outro processo* e *O todo-ouvidos*), Hermann Broch (*A morte de Virgílio*, *Os inocentes*). Pela tradução de *A morte de Virgílio*, de Hermann Broch, recebeu em 1983 o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Artes. Já a de *Doutor Fausto*, de Thomas Mann, lhe rendeu em 1985 o Prêmio Nacional do Instituto Nacional do Livro.

Entre 1949 e 1957, Caro dirigiu, na Livraria Americana, no centro de Porto Alegre, a seção de livros estrangeiros. "Mas não era um simples vendedor de livros; era uma pessoa que observava seus clientes e que tratava de estabelecer vínculos com eles, funcionando como uma espécie de consultor", testemunha o escritor Moacyr Scliar (2007, p. 4). A experiência de Caro na Livraria Americana rendia crônicas publicadas pelo jornal *Correio do Povo* na coluna *Balcão de Livraria*. Mais tarde, em 1960, as edições da coluna foram compiladas em livro homônimo, lançado na coleção *Aspectos*, organizada pelo Ministério da Educação e Cultura.

Sua relação com os veículos impressos começara bem antes. Recém chegado a Porto Alegre, escreveu durante três anos críticas de cinema no jornal de um teuto-brasileiro antinazista em troca dos ingressos para as estreias nas salas da cidade. Mais tarde, em abril de 1943, uma nota editorial da *Revista do Globo* anunciava a estreia da seção *As maravilhas da arte universal*, assinada por Herbert Caro. Este era apresentado como "profundo

ARQUIVO DEPARTAMENTO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO CULTURAL JUDAICO MARC CHAGALL

Figura 3 – Herbert Caro na Livraria Americana

conhecedor das obras de arte reunidas nos maiores museus da Europa", e iria "explicar", em cada edição da revista, "uma obra de arte antiga, medieval ou moderna, europeia, oriental ou americana – conduzindo-nos, assim, através das épocas e estilos" (NOTA..., 1943, p. 18). Ao analisar essas colaborações, Bohns (1995, p. 31) entende que uma proposta desta amplitude demandaria "alguém cujo perfil coincidisse com o de uma pessoa versátil e competente nos assuntos ligados às humanidades". Um projeto ambicioso, mas que, como a autora sugere, fazia parte das ideias de uma jovem intelectualidade disposta a colocar o público local em contato com obras literárias e artísticas mundiais. Para ela, "Herbert Caro sublimou intelectualmente suas indignações face a situação política de sua Alemanha natal, sob o domínio nazista, mas seu discurso sobre a arte está impregnado de ideias revolucionárias e de rupturas com os padrões vigentes" (BOHNS, 1995, p. 37). A análise da pesquisadora identifica ainda uma afinidade com a concepção idealista da arte, ainda que, "em Caro, a relevância da ação do artista se dá na medida em que se pode vislumbrar um processo civilizatório ligado à sensibilidade e à expressão" (BOHNS, 1995, p. 37).

As artes visuais também foram o assunto central de ciclos de palestras e conferências apresentadas por Herbert Caro no Brasil e no exterior. A partir de 1956, passou a organizar ciclos anuais de palestras no Instituto Cultural Brasileiro-Alemão (hoje Instituto Goethe). Abordava temas como os museus da Europa, os pintores e escultores alemães e a arte moderna, ilustrados por imagens que projetava através de um epidiascópio. Em matéria de divulgação publicada no *Correio do Povo* no fatídico 1º de abril de 1964, Caro explica que, em suas palestras, pressupunha conhecimentos básicos sobre escolas e estilos, que, segundo ele, alunos de ginásio já teriam. Ele diz que evitava terminologias técnicas; uma pessoa de "cultura mediana" já poderia acompanhar sua fala. Por esses esforços em difundir a cultura alemã no Brasil, Caro foi agraciado com a Cruz de Mérito, Primeira Classe, da República Federal da Alemanha em 1974.

Desde 1961, passara a viajar para a Alemanha anualmente. Nestas ocasiões, a partir de 1964, também ministrava conferências sobre a arte brasileira nas universidades de Berlim, Stuttgart, Bonn, Oxford, Cambridge, Colchester e Liverpool. Suas conferências ganhavam cobertura considerável pelos jornais alemães, dos quais alguns recortes estão guardados em seu espólio, doado ao Departamento de Memória do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. No Brasil, também ganhavam alguns registros, tanto pelo *Correio do Povo* quanto por jornais do centro do país.

O reconhecimento local por seu trabalho veio depois que o amigo Sérgio da Costa Franco, com quem Herbert Caro se encontrava toda semana nos bate-papos das manhãs de sábado no bar da Associação Rio-Grandense de Imprensa (ARI), dedicou sua coluna no jornal *Zero Hora* para reclamar do fato de seu amigo ainda não ter recebido o título de cidadão honorário, em cinquenta anos de residência em Porto Alegre. "De repente, como costumo dizer, sou 'in'", brinca Caro (1987, p. 25).

Um ano depois da reprimenda pública de Franco, Caro recebe o título de Cidadão Emérito de Porto Alegre. Segue um trecho de seu discurso, em 10 de junho de 1986, na Câmara Municipal:

> Pus, portanto, a seu (do Brasil) serviço o pouco que trouxera da Europa em matéria de Cultura, traduzindo obras-primas, escrevendo ensaios e crônicas, divulgando Artes Plásticas e Música Clássica, orientando meus fregueses na saudosa Livraria Americana e sobretudo fazendo inúmeras conferências, não somente em Porto Alegre e outras cidades brasileiras, mas também na Alemanha Ocidental, na Inglaterra e em Israel, onde em dezenas de palestras expliquei a um público que nada sabia a esse respeito a arte de Aleijadinho, de Portinari, dos índios brasileiros, de Rugendas e Debret, ou a obra de Erico Verissimo. Projetando 200 slides coloridos, guiei muitas centenas de alemães através do Brasil, de sul a norte, mostrando-lhes as belezas paisagísticas e arquiteturais de nossa terra e aspectos da vida do nosso povo. Muito mais, infelizmente, não pude fazer. (CARO, 1986, p. 2)

A ideia que emana de seu discurso vai ao encontro da avaliação do jornalista Luiz Pilla Vares, na época editor cultural do jornal *Zero Hora*, em artigo para a *Revista Leia*, em janeiro de 1989: "De alguma forma, o intelectual Herbert Caro achou que deveria retribuir ao Brasil. E colocou à disposição dos brasileiros a sua bagagem principal: a cultura". (VARES, 1989, p. 2)

Em meio aos livros, trabalhou também como administrador da biblioteca do Instituto Goethe, de Porto Alegre, por quase vinte anos. Deixou o posto quando o Conselho Regional de Biblioteco-

nomia exigiu o diploma dos bibliotecários, em 1976. Peter Naumann (1995, p. 17) dá um testemunho típico da mescla entre bom humor e sisudez da personalidade do tradutor alemão: "Quando alguém aparecia e perguntava pelos livros de Johannes Maria Simmel (autor de *best-sellers*), dizia não conhecer esse autor e remetia o visitante à sua ajudante do turno da manhã, que cuidava mais da literatura que os alemães chamam trivial".

Os retratos traçados pelas pessoas que conheceram Herbert Caro deixam entrever um homem de letras, amante dos livros e da música, legítimo representante da tradição humanista alemã, particularmente muito bem humorado. Os testemunhos deslizam entre o vulto de um intelectual versado nas questões genéricas das artes e das humanidades, intocável, e, por outro lado, um homem sensível, acessível, apaixonado por trocadilhos, ex-jogador de tênis de mesa e cadeira cativa do Sport Club Internacional.

O jornalista Milton Ribeiro descreve a relação que tinha com o crítico, ressaltando a atenção que dava aos mais jovens, mas, ao mesmo tempo, aponta para sua austeridade germânica:

> Conheci o Dr. Caro numa loja de discos eruditos de Porto Alegre, a King`s Discos. Lá, eu, ele, o Júlio – que trabalhava na loja – e outros tínhamos um encontro não marcado mas sempre repetido aos sábados pela manhã. Nós, o grupo dos tarados por música, ficávamos ouvindo as novidades e aprendendo com a inacreditável sabedoria do velho. Quando o conheci, ele já devia ter mais de 70 anos. (…) Como convivi com ele entre meus 20 e 30 anos, era tratado pelo mestre como a criança curiosa que era. Ele tinha atenção especial para comigo e o Júlio, os jovens do grupo, e gostava de me orientar na obra de meus amados Bach e filhos, Mozart, Brahms e Beethoven. Deume alguns discos, sempre sob o pretexto de servirem como comprovação de suas opiniões, nunca pelos motivos reais, que eram a consideração, a amizade e o carinho. Era alemão. (RIBEIRO, 2010, online)

A professora Birgit Braaz (2007, p. 51) lembra que "(...) ele (Herbert Caro) era algo como um centro cultural do próprio Instituto Cultural Brasileiro-Alemão. Eu me lembro muito bem dele, da maneira de ser, era muito acessível, o que não é muito comum numa pessoa com tanta sabedoria...". Em coluna que homenageia os 75 anos de Caro, publicada no jornal *Zero Hora*, Moacyr Scliar (1981, p. 3) também enaltece a amplitude do conhecimento do crítico:

> Sob muitos aspectos, o dr. Caro é uma figura rara. Num mundo em que o saber se especializa cada vez mais, ele representa a tradição humanista de uma cultura ampla abrangendo vários campos do conhecimento; uma tradição que se iniciou na Europa à época do Renascimento, teve seu ápice no Iluminismo e sofreu corte brutal com o nazismo. (…) cada vez que há gincana em Porto Alegre ele (Herbert Caro) é acordado às três da manhã por pessoas que telefonam, pedindo o socorro de seu enciclopédico conhecimento.

Já quando cumprira seus 70 anos de idade, Caro havia recebido uma homenagem de outro amigo, Guilhermino Cesar, em texto publicado no *Caderno de Sábado*, do *Correio do Povo*, sob o título *Um companheiro*. Nele, Cesar definia o colega de suplemento como um melômano, de sólida cultura e bom gosto. "Sua coluna cativa – *Os melhores discos clássicos* – tem sido um breviário para quantos, amando a música, se dão ao prazer de cultivá-la por meio das interpretações

de maior categoria. Nosso ilustre amigo, neste labirinto das partituras, é um guia insuperável" (CESAR, 1976, p. 3).

## A coluna *Os melhores discos clássicos*

A relação de Caro com a música vinha de berço. Sua mãe estudara canto lírico, apesar de não ter atuado na área profissionalmente. Mesmo assim, ele crescera rodeado de músicos que frequentavam a sua casa e chegara a ter aulas de música na infância. O excesso do contato pueril acabou afastando-o dessa arte durante muito tempo. Caro preferia o teatro. Era assíduo da cena alemã efervescente no início do século XX. Essa situação só se alteraria quando chegou a Porto Alegre. Na ausência de campo teatral consolidado, ele recupera sua herança musical materna. Apaixona-se pela música, torna-se *habitué* dos concertos e recitais do Theatro São Pedro e aficionado pela então crescente produção fonográfica.

*Os melhores discos clássicos* estreou na página 28 do *Correio do Povo* em 22 de fevereiro de 1959. Naquele momento, a coluna circulava aos domingos. Em sua apresentação, a proposta do espaço fica colocada:

> Nesta seção, apresentaremos regularmente uma resenha dos discos de música fina, gravados pelas fábricas nacionais. Uma vez que a produção nestes últimos tempos se tornou bastante grande, não nos é possível apreciar todas as novidades boas. Limitar-nos-emos a uma seleção. Fazemos questão de declarar que as linhas que se seguem não representam nenhuma propaganda comercial, senão a opinião singela do autor, que julga os discos mencionados recomendáveis sob o triplo aspecto de valor das peças musicais, da interpretação e da sonoridade. (CARO, 1959, p. 28)

A motivação para tanto foi se mostrando aos poucos, no decorrer das publicações. Em 17 de abril de 1971, por exemplo, ela é verbalizada: "É incumbência desta seção criar e cimentar em seus leitores o gosto da boa música" (CARO, 1971, p. 13). Mais tarde, Caro (1975) comprova que o disco cumpria importante papel na formação musical do público dos concertos locais. O objetivo maior de Caro era justamente incentivar o desenvolvimento do gosto musical dos leitores por meio do acesso aos discos.

Em entrevista concedida à jornalista Eliane Brum (1990), Caro conta que se propôs a escrever sobre música para o jornal porque não tinha dinheiro para comprar discos. Como crítico do *Diário de Notícias*, organizou uma discoteca de quase três mil álbuns. No *Correio do Povo*, manteve a coluna por mais de vinte anos. A partir de 1967, seu espaço foi transferido para dentro do *Caderno de Sábado*. Ali, Caro permaneceu até o fim da circulação do suplemento, em 1981, já prenunciando a crise da Empresa Jornalística Caldas Júnior, que culminaria com a suspensão da publicação do *Correio do Povo* em 1984 (o jornal voltaria a circular em 1986, reformulado, com nova direção) (GALVANI, 1994). Herbert Caro, por alguns anos, migrou para o jornal *Zero Hora*, mantendo colaborações mensais. Com a chegada do CD, resolveu aposentar-se do ofício de crítico musical.

A importância da crítica de discos clássicos feita por Herbert Caro passa pelo longo período de sua publicação. Tendo em vista a relação de fidelidade que se cria entre leitor e coluna, os mais de vinte anos – de 1959 até meados da década de 1980 – são um tempo bastante considerável. E esse valor atrelado ao tempo é intensificado quando se pensa no alcance e na importância do *Correio do Povo* ao longo do século XX, além do próprio envolvimento que este diário alimentou com o sistema

artístico-cultural. Além disso, durante a existência do *Caderno de Sábado* (1967-1981), a coluna de Caro figurou nas prestigiadas páginas deste suplemento semanal que, de acordo com Golin (2005, p. 142), "estabeleceu horizontes de formação cultural, atingindo gerações de leitores". Escrever para o suplemento que chegou a ser Prêmio Jabuti de melhor suplemento cultural, conforme a autora, era sinônimo de prestígio junto ao meio cultural local.

Para perceber a autoridade que Caro e sua coluna detinham nesse circuito de legitimações relacionado ao valor social dessa cultura erudita, é preciso levar em conta dois aspectos da gênese do campo musical erudito no Estado, apontados por Lucas (1980): a importação de padrões europeus, especialmente alemães, e a manutenção do amadorismo como forma de distinção dos setores da classe dominante em relação às camadas sociais inferiores que, até então, eram os músicos. Neste contexto, depreende-se que a figura do homem de letras diletante, de sólida educação humanista na Alemanha do início do século XX, que desfilava seus conhecimentos sobre as artes na sociedade provinciana local, constituía-se em uma voz respaldada pelo respeito conquistado e pelo conhecimento reconhecido ao se propor a orientar os leitores no mundo dos discos clássicos.

Neste ponto, em que Herbert Caro se coloca como um orientador do consumo cultural, é importante destacar que a coluna *Os melhores discos clássicos* testemunha um momento de transformação do espaço jornalístico em meio à consolidação das indústrias culturais. A experiência é significativa na medida em que presencia a transição de modelos de instituição jornalística no Rio Grande do Sul: do regime empresarial ainda atrelado ao campo político da Caldas Júnior para a fase da indústria cultural, como denomina Rüdiger (2003), do conglomerado de comunicação do grupo RBS. No âmbito do conteúdo jornalístico, Fonseca (2008) interpreta essa transição como uma mudança da "quase-mercadoria", em que o produto jornalístico atendia às demandas do mercado, mas ainda estava preso às preferências do dono do jornal, para a "plenamente mercadoria", que se volta inteiramente para a lógica da negociação do mercado.

## Considerações finais

A coluna *Os melhores discos clássicos* circulou, como já se disse, semanalmente durante mais de vinte anos no principal jornal do Rio Grande do Sul à época, o *Correio do Povo*, onde, como também já se disse, Caro assumia a função de orientar os leitores no mercado em expansão dos discos de música de concerto. Essa atuação tinha uma bandeira maior. O colunista entendia que o registro fonográfico podia cumprir um papel importante na formação de público, e Porto Alegre, que ganhara uma orquestra sinfônica em 1950 e mantinha uma agenda de concertos com a vinda recorrente de músicos de renome internacional, demandava isso. A intenção era utilizar o espaço jornalístico para despertar e manter o gosto por essa tradição musical que o crítico julgava maior. Caro (1983, p. 13) acreditava que a "Música clássica é uma língua que se aprende aos poucos", e estava disposto a participar desse processo entre os leitores interessados.

Nas páginas do *Caderno de Sábado*, a crítica de Herbert Caro ficava lado a lado com os ensaios de acadêmicos e especialistas, acompanhando o movimento de substituição da atitude de emitir juízos sobre a música segundo critérios de gosto, típica do século XIX, pela busca da compreensão das características internas à obra, como queria, por exemplo, o crítico alemão Eduard Hanslick

(1992). Havia uma contradição entre as visões do crítico-cronista, que queria conquistar o leitor leigo para a música de concerto e escrevia sua crítica em forma de crônica, curta, a partir de suas impressões pessoais, e dos especialistas, que tinham formação aprofundada na área da música e publicavam ensaios de página inteira, em linguagem impenetrável para iniciantes.

Conforme o campo da música se autonomizava no Rio Grande do Sul, cada vez mais circunscrevia sua comunicação a seus pares. A crítica de Caro foi, portanto, a última representante, na tradição do *Correio do Povo*, da linhagem inaugurada pelo médico Olinto de Oliveira e seguida por outros diletantes. Sua voz foi deslegitimada pelos acadêmicos e outros especialistas, de tal modo que seu nome é desconhecido das novas gerações de músicos, que, quando muito, o conhecem por suas traduções de clássicos da língua alemã para o português.

Apartado do círculo de especialistas, Caro ganhava liberdade para assumir posturas mais hegemônicas entre o público. Abordar a música a partir do sentimento é uma delas, e assim ele se aproximava dos novos ouvintes que queria conquistar. Em vez de atender ao contrato da gênese da crítica moderna, de mediação para uma arte em descompasso com os parâmetros de gosto do público (LEENHARDT, 2000), o colunista primeiramente posicionava-se como intermediário entre esse público e o que ele estava acostumado ou gostava de ouvir.

Percebemos que Herbert Caro prescreve predominantemente a escuta da tradição da música de concerto europeia, em especial a dos séculos XVIII e XIX, mas também algumas obras contemporâneas, o repertório nacional, o folclore e o "pop" – visto como porta de entrada para desenvolver o gosto. As palavras de Caro estão sempre revestidas por uma aura de sedução, prometendo a música de concerto como algo acessível, necessário à vida, e como fonte de prazer, de conhecimento e de distinção social. Com intuito pedagógico, o crítico preocupava-se em alicerçar o contato do leitor com essa música, fornecendo um guia de escuta, com contextualização rápida e orientações práticas. O colunista também se colocava como um incentivador do consumo de discos, orientando a compra baseada no gosto pessoal, na novidade e na assinatura de artistas consagrados. A explícita voz pessoal de Caro reforça a credibilidade angariada no prestígio do espaço jornalístico que ocupou e com a qual buscou a aproximação com o leitor. O forte vínculo com o local traz a realidade do leitor para o texto, instigando seu envolvimento e construindo um retrato da cidade. A linguagem informal desmancha o ar sisudo da música de concerto com diminutivos, aumentativos, superlativos, provérbios, oralidade, trocadilhos e analogias.

A crítica de Herbert Caro em *Os melhores discos clássicos*, assim, soube explorar o espaço jornalístico, protagonista no processo histórico de vulgarização para difusão das artes dentro do ideal iluminista de formação do leitor. Posturas sacralizadas nas salas de concerto e no ambiente acadêmico que acolhem essa música até hoje foram ali diluídas em nome da tradução dos códigos desse campo autônomo para o leitor leigo-culto do *Correio do Povo*.

## REFERÊNCIAS

BOHNS, Neiva Maria Fonseca. 'As maravilhas da arte universal'. In: CANDELORO, Rosana J. *Herbert Caro*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995, p. 31-38.

BRAAZ, Birgit. Depoimento de Birgit Braaz a Ieda Gutfreind, pelo Departamento de Documentação e Memória do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. *Revista Contingentia*, Porto Alegre, vol. 2, maio 2007, p. 51.

Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/issue/view/339/showToc>. Acesso em: 6 nov. 2008.

BRUM, Eliane. 'Herbert Caro: um saudosista bem humorado'. *Zero Hora*, Porto Alegre, 13 maio 1990. Caderno D, p. 4-5.

CARO, Herbert. De Isaak a Mozart. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 22 fev. 1959. p. 28.

_____. "Dois minuetos famosos". *Correio do Povo*, Porto Alegre, 17 abr. 1971. Caderno de Sábado, p. 13.

_____. "Concertos e recitais – 1900-1973". *In*: DAMASCENO, Athos; CESAR, Guilhermino.

_____; MORITZ, Paulo Antônio. *O Theatro São Pedro na vida cultural do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Secretaria de Educação e Cultura, 1975. p. 299-400.

_____. "No princípio era o verão". *Correio do Povo*, Porto Alegre, 31 jul. 1976. Caderno de Sábado, p. 15.

_____. "Clássicos para principiantes". *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 10 abr. 1983, p. 12-13.

_____. *Entrevista de História de Vida ao Departamento de Documentação e Memória do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*. Entrevistador: Gabriel Oliven. Porto Alegre, maio 1987.

_____. *Discurso ao receber o título de Cidadão Emérito de Porto Alegre*: documento escrito pertencente ao Departamento de Memória do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Porto Alegre, 10 jun. 1986, p. 1-3.

CESAR, Guilhermino. "Um companheiro". *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16 out. 1976. Caderno de Sábado, p. 3.

FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. *Indústria de notícias*: capitalismo e novas tecnologias no jornalismo contemporâneo. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

GALVANI, Walter. *Um século de poder*: os bastidores da Caldas Júnior. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994. (Série Depoimentos)

GOLIN, Cida. "Histórias do jornalismo cultural: o primeiro ano do Caderno de Sábado". *Estudos em Jornalismo e Mídia* (UFSC), Florianópolis: UFSC / Insular, v. 2, n. 2, p. 133-142, 2005. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/>. Acesso em: 6 nov. 2008.

HANSLICK, Eduard. *Do belo musical*: uma contribuição para a revisão da estética musical. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992. (Coleção Repertórios)

KESTLER, Izabela Maria Furtado. "Herbert Moritz Caro: exílio e vida no Brasil". *Revista Contingentia*, vol. 2, maio 2007, p. 6-14. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/issue/view/339/showToc>. Acesso em: 6 nov. 2008.

LEENHARDT, Jacques. "Crítica de arte e cultura no mundo contemporâneo". *In*: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Rumos da crítica*. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Itaú Cultural, 2000, p. 19-28.

LUCAS, Maria Elizabeth. "Classe dominante e cultura musical no RS: do amadorismo à profissionalização". *In*: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius Gonzaga (Org.). *RS*: cultura e ideologia. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. (Série Documenta – História), p. 150-167.

MEYER, Gertrude. Documento manuscrito, entregue ao Departamento de Documentação e Memória do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall: depoimento. (10 nov. 2006). *Revista Contingentia*, vol. 2, maio 2007, p. 49-50. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/issue/view/339/showToc>. Acesso em: 6 nov. 2008.

NAUMANN, Peter. "Sete fragmentos para um relato". *In*: CANDELORO, Rosana J. *Herbert Caro*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995, p. 17-22.

NOTA de redação. *Revista do Globo*, Porto Alegre, abr. 1943. As maravilhas da arte universal, p. 18.

OLIVEN, Klaus. "Klaus Oliven relembra". *Revista Contingentia*, vol. 2, maio 2007, p. 44-47. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/issue/view/339/showToc>. Acesso em: 6 nov. 2008.

RIBEIRO, Milton. *Uma incrível coincidência* (Fernando Monteiro, Herbert Caro, eu...). 23 nov. 2010. Disponível em: <http://www.sul21.com.br/blogs/miltonribeiro/2010/11/23/uma-incrivel-coincidencia-fernando-monteiro-herbert-caro-eu/>. Acesso em: 13 fev. 2013.

RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto

Alegre: UFRGS, 2003.

SCLIAR, Moacyr. "Um aniversário". *Zero Hora*, Porto Alegre, 11 out. 1981. Revista ZH, p. 3.

_____. "Herbert Caro". *Revista Contingentia*, vol. 2, maio 2007, p. 4-5. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/issue/view/339/showToc>. Acesso em: 6 nov. 2008.

VARES, Luis Pilla. "Um professor de tênis berlinense". *Revista Leia*, n. 32, jan. 1989. p. 2.

Recebido em 16/10/2012
Aceito em 18/01/2013